

Corpos à vista

Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino.

XAVIER, Elódia.

Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2007. 201 p.

*Eu canto com minha voz,
com o corpo,
com o sexo, eu canto toda.*
Janis Joplin

A começar pelo título da mais recente publicação da professora Elódia Xavier – *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* – observa-se que a escritora traz o corpo, ou a questão da corporeidade, para o primeiro plano de suas investigações. No livro, ela desvela traços que caracterizam diferentes tipos de corpos e como estes são representados na produção literária de autoria feminina, desde o início do século XX até os nossos dias.

Trata-se de uma abordagem instigante, por meio da qual promove-se a articulação entre a teoria – de vieses filosófico, sociológico e psicanalítico – e a literatura brasileira, especialmente 23 narrativas de autoria feminina, dispostas em 13 capítulos que configuram filigranas de espetacular análise interdisciplinar.

Ao longo das páginas, acompanha-se um diálogo profícuo com a teoria feminista, que desassocia o corpo da mulher de sua capacidade biológica de reprodução da espécie, garantindo assim a visibilidade do corpo feminino em sua plenitude. Além disso, Elódia Xavier toma como guia para sua análise a tipologia sociológica do corpo, de autoria de Arthur Frank.

A escritora não apenas persegue essa tipologia de cunho sociológico, problematizando cada um dos dez tipos de corpos, como também os localiza nas narrativas de autoria feminina, excluindo e acrescentando categorias. Destaca-

se que, apesar de toda e qualquer tipologia configurar guia de análise, passível de teste e reformulação, Elódia Xavier alcança, como diz Antonio Carlos Secchin no prefácio do livro, êxito operacional quanto à “categorização temática”, além de desenvolver pertinente argumentação (p. 15). E ainda: o diálogo interdisciplinar, especialmente entre as ciências sociais e humanas e a produção literária de autoria feminina, é verificado em cada um dos 13 capítulos de forma densa, porém, clara e enxuta.

O livro permite ao/à leitor/a localizar os conceitos e preconceitos sobre o corpo, presentes na tradição do pensamento ocidental. Logo nas primeiras páginas, é possível apreciar um painel bastante acurado sobre a dicotomia corpo e mente, que toma forma na cultura ocidental, desde Platão, a partir da qual se enaltece o campo *mente*, como espaço específico do masculino, bem como se trata o corpo como algo de somenos importância e, como tal, próprio do feminino.

Ao longo dos capítulos, facilita-se a compreensão, numa perspectiva de longa duração, acerca da invisibilidade histórica do corpo, como também de sua restrição ao aspecto onipotente da biologia, de caráter naturalista, que não reduz somente os corpos à concepção binária, homem e mulher, mas ainda naturaliza a gravidez aos corpos femininos. Além disso, desvenda-se a dinâmica dos corpos na engrenagem do sistema produtivo e nas peripécias socioeconômicas e psicoafetivas, configurando os seguintes tipos corpóreos: *invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado e liberado.*

O livro rompe, portanto, com qualquer visão estática sobre o corpo, de caráter naturalista e misógina, convidando ao movimento das significações. Desse modo, estabelece diálogo, por exemplo, com Elizabeth Grosz, Judith Butler, entre outras, que consideram o corpo como um lugar de múltiplas significações, apesar de ser alvo de contínuas tentativas de restrição à estrutura biológica, segundo as formas masculina e feminina – já mencionadas.

Elódia Xavier vê os corpos

mais em sua concretude histórica do que na sua concretude simplesmente biológica,

evitando, a todo custo, o essencialismo ou categorias universais. Existem apenas tipos específicos de corpos, marcados pelo sexo, pela raça, pela classe social e, portanto, com fisionomias particulares. Essa multiplicidade deve solapar a dominação de modelos, levando em conta outros tipos de corpos e subjetividades (p. 22).

Que corpo é esse? já era aguardado com grande expectativa no meio acadêmico. Constância Lima Duarte assinalou nas orelhas do livro certos aspectos da trajetória acadêmica de Elódia Xavier, destacando tanto a consistência como a ousadia dos apontamentos de investigação dessa escritora, cuja construção do objeto fora partilhada em encontros do Grupo de Trabalho *Mulher e Literatura* da ANPOLL, e o resultado não poderia ser outro senão a esperada publicação.

De outro modo, Antonio Carlos Secchin, no prefácio do livro, detalha a produção acadêmica da autora, confirmando a expectativa do *métier* quanto à publicação, bem como a relevância dessa publicação no que tange à abertura de novos caminhos para a abordagem das narrativas de autoria feminina. Além disso, ele antecipa que, ao longo dos capítulos, o/a leitor/a encontrará 23 narrativas que são “examinadas a partir do modo como nelas se operam o conceito de corporalidade”. Ele assinala, então, que,

Diante de nós, desfilam, sucessivamente, os corpos *invisíveis*, em Júlia Lopes de Almeida e Marilene Felinto; os *subalternos*, em Carolina Maria de Jesus e Wanda Fabian; os *disciplinados*, em Clarice Lispector, Nélda Piñon e Lygia Fagundes Telles; os *imobilizados*, em Helena Parente Cunha e Marina Colassanti; os *envelhecidos*, em Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector; os *refletidos*, em Fernanda Young e Nélda Piñon; os *violentos*, em Marilena Felinto e Rachel de Queiroz; os *degradados*,

em Márcia Denser e Lygia Fagundes Telles; os *erotizados*, em Heloísa Seixas, Marina Colassanti e Lygia Fagundes Telles; os *liberados*, em Lya Luft, Martha Medeiros e Rachel Jardim (p. 14).

Que corpo é esse? colabora, portanto, para preencher uma das lacunas do campo de produção do conhecimento, não restrita apenas à literatura, pois envolve as ciências em geral. Afinal, o campo acadêmico guarda até os dias de hoje significativo silêncio sobre as mulheres e sobre seus corpos, ainda “assimilados à função anônima e impessoal da reprodução”, conforme observou a historiadora Michelle Perrot em 2003. Por essa razão, as investigações de Elódia Xavier inserem-se na perspectiva de ruptura de “silêncio sobre/dos corpos”.

Desvelar a representação da corporalidade na literatura de autoria feminina, por meio do diálogo interdisciplinar, é de fato um projeto ousado, pois indica que a produção literária, embora circunscrita aos espaços ficcionais, integra um contexto histórico-político-social no qual se localizam construções sociais de gênero – tendo ressonância no próprio processo de criação. De outro modo, a representação “psíquica do corpo das personagens” não escapa dessa clivagem, o que é possível verificar em *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*.

Saliente-se, ainda, que esse livro é mais uma das publicações da Editora Mulheres, que, de modo independente, vem abrilhantando a seara de construção e de desvelo de novos saberes e tem contribuído para a autonomia de homens e de mulheres.

Alcilene Cavalcante ■
Universidade Federal de Minas Gerais e
ONG Católicas pelo Direito de Decidir/
Brasil